

# **Maria do Carmo Corrêa Galvão: a Professora-pesquisadora e a Mulher Comum**

## **Maria do Carmo Corrêa Galvão: Professor, Researcher, Ordinary Woman**

Lucia Maria de Baère Naegeli<sup>i</sup>  
Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão III  
Rio de Janeiro, Brasil

Ao ser convidada a prestar essa justa homenagem à querida Profa. Maria do Carmo, louvei a iniciativa dos editores da *Espaço Aberto* ao mesmo tempo em que respondi prontamente que seria o mínimo a retribuir a quem fez tanto por várias gerações de alunos. Como professora, com 71 anos de idade, e em contato com jovens professores em formação, percebo, com certa tristeza, que Maria do Carmo Galvão não é um nome conhecido dessa nova geração, até por ter se afastado há tempos de suas atividades. Por isso mesmo, precisa ser apresentada em sua grandeza a quem está chegando agora na profissão de geógrafo/a e professor/a.

Da mesma forma como Maria do Carmo nunca aceitou a dicotomia na Geografia, sempre realizando as integrações entre sociedade e natureza, nunca separou sua vida profissional, na qual mergulhou com muita paixão, da mulher Maria do Carmo. Com a mesma dedicação com que foi cuidada por seus familiares, zelou por sua mãe, D. Clarice, a quem conheci, por seus irmãos e sobrinhos, por quem seus olhinhos brilhavam quando contava seus feitos cotidianos que para ela adquiriam um sentido especial devido ao amor. Eu me sentia tão à vontade na presença dessa pequenina e grande mulher em sua simplicidade que eu a chamava de Carmo, forma como atendia a seus familiares.

Nos tempos do telefone fixo e da máquina de escrever, a orientação dos trabalhos e das pesquisas era presencial e, muitas vezes, éramos recebidos em sua casa. Nosso primeiro aprendizado, então, era esse: a vida é singular, com todas as suas particularidades, ocorrências, problemas, necessidades e obrigações. E precisamos dar conta de tudo, na vida profissional e pessoal. Essa é a justificativa para o título que dei a esse texto: o bem-estar dos familiares, a feira, o supermercado e a pesquisa, tudo executado por ela mesma.

Sabe gente que gosta de gente? Sabe gente que olha para o outro com curiosidade, e, ao mesmo tempo, com acolhimento? Sabe gente que se entrega às ações com paixão? Sabe gente que fala com carinho e orgulho da família, dos que convivem ao redor, dos alunos, dos amigos? Talvez seja difícil imaginar porque muito poucos reúnem todos esses dons numa mesma pessoa. Era assim a querida Carmo. Os anos se passaram e não perdeu o ar de menina curiosa.

---

<sup>i</sup> Professora aposentada do Colégio Pedro II e da rede privada de ensino. Graduada pela UFRJ e participante do Grupo de Pesquisa em Geografia do Brasil, coordenado pela Profa. Maria do Carmo Correa Galvão. lucia.naegeli@gmail.com

Difícil dizer quantos, como eu, devem a ela a formação acadêmica e pessoal, com admiráveis exemplos de caráter, firmeza e determinação. Lembro de uma vez em que fomos para um congresso ou encontro e precisávamos reproduzir na copiadora uma série de tabelas e documentos. No meio daquele corredor interminável no Fundão, voltamos para pegar a bolsinha de moedas porque em meio aos documentos que seriam creditados na conta do Departamento, havia uma cópia pessoal dela que precisaria ser paga. Sim, é o correto, mas ficou para nós, ainda estudantes, mais um aprendizado, o da verdadeira servidora pública que tem como função principal servir, prestar um serviço à sociedade e zelar pelo patrimônio e bens comuns.

Os estudantes novos que chegavam para trabalhar no grupo de pesquisa recebiam a mesma atenção e dedicação que eram destinadas aos mais antigos. Explicava o andamento da pesquisa com paciência e detalhamento. Identificava com maestria as potencialidades e talentos de cada um, nunca ouvi nenhuma crítica a um de nós porque tinha a certeza de acreditar que todos são importantes.

As salas de aula, tanto no Largo de São Francisco como na Ilha do Fundão, eram bem amplas e Carmo não tinha um vozeirão. Penso que seu tom de voz se devia ao tipo de educação a que foi submetida, falando em tom baixo de uma pessoa bem-educada, e nunca se alterava. Mas embora, por vezes, durante as aulas, precisássemos nos concentrar um pouco mais para poder ouvi-la bem, na maioria das vezes ela nos cativava com sua paixão pelo tema, discorrendo sobre o mesmo como se fosse uma descoberta daquele momento.

Notabilizou-se pelo trabalho em campo, era imbatível. Estava sempre alerta, observando com atenção a paisagem, dividindo conosco tudo o que descobria e que avaliasse ser importante para nosso conhecimento. Com ela percebemos o dinamismo do espaço, as relações e conexões, a capacidade incrível de trazer para o campo a sala de aula, os textos lidos, a teoria e comprovar que o que estávamos descobrindo junto com ela era a junção de muitos elementos reunidos com extrema sabedoria. À noite, cansados, não tínhamos folga não, era tomar um banho, comer alguma coisa e um terceiro turno de trabalho, relatando a jornada, analisando os acontecimentos e planejando as próximas etapas. Além do mais, vendo sua animação, ficávamos até envergonhados por estarmos nos rendendo. Então ela comparava nossa situação com a dela, como discípula de Hilgard Sternberg e Francis Ruellan, que eram, da mesma forma, bastante rigorosos em campo. Ela falava muito de seus mestres e contava suas peripécias em campo. Quanto a esse último, Ruellan, disse ter composto até uma música que Carmo gostava de cantar sobre a vida do geógrafo em campo: não precisava descansar, nem comer, e caso estivesse sentindo falta de um alimento, era só fazer um bife de arenito... e por aí vai. Mesmo hoje, quando vou a campo, sinto-a a meu lado, com o espírito investigativo e agitado, batendo aceleradamente os pequenos olhos e apertando os lábios quando descobria algo novo a ser estudado.

No grupo de pesquisa, sempre ressaltou a fundamentação do trabalho pela leitura e a importância dos levantamentos dos dados, quer em campo quer os secundários, transferidos para tabelas e mapas. Aparecia na sala em que ficávamos para ver se todos estavam trabalhando e já querendo extrair alguns dados do que estávamos tabulando e confirmando a escolha da metodologia selecionada. Andava num passinho leve e apres-

sado, com a caixinha de óculos numa mão e a caneta na outra, retornando logo em seguida para sua mesa, sempre atolada de papéis, pastas e muitas demandas, pois era a Coordenadora da Pós-Graduação em Geografia.

Seus textos eram de uma nitidez incrível, não tinha uma linguagem rebuscada nem imponente, queria ser compreendida e compartilhar seu conhecimento. Apesar de ser um dos mais ilustres nomes da Geografia, nunca almejou ser uma “estrela”, embora apresentasse seu trabalho com brilho, tendo exclusivamente o desejo de dar visibilidade à Geografia, especialmente à Geografia Agrária brasileira, ao ambiente e ao Estado do Rio de Janeiro. Penso que as palavras que melhor resumem seus trabalhos são: naturalidade, conhecimento, rigor e segurança. Quando começou a publicá-los, talvez na década de 1950, o que se encontrava nas divulgações geográficas era a descrição do ambiente com suas características físicas. Maria do Carmo preparava o terreno e, com muita acuidade, percebia e produzia as conexões espaço-tempo para, aí sim, apresentar o tema em tela e nos convidar a acompanhar o movimento e construção de seu pensamento. E sempre procurava propor soluções ou novas formas de pensar a questão.

Difícil, nos dias de hoje, selecionar seu melhor texto. Ainda bem que as professoras Gisela Aquino Pires do Rio e Maria Célia Nunes Coelho organizaram o belo trabalho *Percursos Geográficos*, em 2009, no qual foram muito felizes nessa compilação. Acho que meu preferido é “Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro”. Esse artigo é um dos que foram muito bem analisados pelo Prof. João Rua na resenha sobre o livro, publicada nessa revista, *Espaço Aberto*, em 2011. Minha preferência se dá porque ele mostra, de forma contundente, no início da década de 1990, como Maria do Carmo estava à frente de seu tempo, transitando confortavelmente pelas diferentes dimensões dos estudos ambientais desenvolvidos pela Geografia, compreendendo suas formas, processos e procedimentos metodológicos e operacionais. Já nessa época, Maria do Carmo denunciava a contradição entre o discurso e a prática quanto à questão ambiental, pois, na prática, se excluía a preocupação com o “ambiente construído” pela ação do homem, que deve compreender o bem-estar e a qualidade de vida, acessível a todos. E desenvolve sua concepção de ambiente como *produção social*, entidade concreta e representação (p. 69). O curioso é que Maria do Carmo não utiliza o termo espaço para sua concepção de ambiente, mas o vê como tal, em todas as suas dimensões, e tenta trazer um pouco da visão da Escola Francesa, com sua concepção holística da relação homem/meio, adaptada às questões da contemporaneidade, como ela bem sabia fazer, sempre fortalecendo o saber geográfico.

Foi, realmente, um privilégio ter sido aluna e ter convivido com essa mulher comum que deixou seu talento, maestria, grandiosidade, brilhantismo e generosidade por onde passou.

Recebido em: 18/05/2023.

Aceito em: 19/05/2023.

